

Resenha



A fala: seus silêncios evidenciados

Marília Couto Moratelli¹

RESUMO

Falas são tipologias discursivas que evidenciam silêncios muitas vezes ocultados devido a intenções variadas. Na obra *Sete Falas*, publicada pela Editora Cancioneiro em 2022, o autor Jean Pierre Chauvin propõe a análise de modalidades do discurso que permeiam a sociedade brasileira, revelam aspectos ideológicos e estruturais e têm como objetivo estratégico a permanência e manutenção do estado de coisas em território nacional. Apoiando-se em exemplos advindos da Literatura Brasileira, o ensaísta demonstra que falas autoritárias, narcísicas, autorreferenciais, medíocres, especializadas, prolixas e neoliberais são, na verdade, leituras de mundo que surgem de uma visão coletiva e que não existem por si só, mas sim inventam o agente apropriado com o fito de as reproduzir no meio social. Como argumento central, discute o autor a percepção de que as ideias dominantes são necessariamente as ideias das classes dominantes e a forma de transmissão e materialização desse ideário se dá justamente por meio do uso da palavra.

Palavras-chave: Falas; Tipologias discursivas; Autoritarismo; Neoliberalismo; Classe dominante.

ABSTRACT

Speeches are discursive topologies that evidence silences hidden many times due to varied intentions. In the book *Sete Falas*, published by Cancioneiro Publisher in 2022, the author Jean Pierre Chauvin proposes the analysis of speech's modalities that permeate the Brazilian society, reveal ideological and structural aspects and they have as strategic objective the continuity and maintenance of the state of affairs on national territory. Supported by Brazilian Literature examples, the essayist demonstrates that authoritarian, narcissistic, self-indicative, ordinary, specialized, prolix and neoliberal speeches are, in fact, reading world that arise of a collective view and don't exist by itself, but effectively create the appropriate agent to

¹ Graduada em Letras pela Fundação Santo André, especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Metodista de São Paulo e mestranda do programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na FFLCH-USP.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-6131-8413> E-mail para contato: mariliacouto@usp.br



reproduce them at the social environment. As main argument, the author discusses the perception of that the dominant ideas are necessarily the dominant class's ideas and the transmission and materialization of this ideology takes place just through the speaking time.

Keywords: Speeches; Discursive topologies; Authoritarianism; Neoliberalism; Ruling class.

Em *Sete Falas*, Jean Pierre Chauvin nos presenteia com uma análise afiada e atualizada de tipologias discursivas, representadas por falas, que escancaram realidades ideológicas e estruturais da sociedade contemporânea brasileira.

Lançado pela Editora Cancioneiro em 2022, a obra nasce de amplo repertório mobilizado pelo ensaísta, que é Professor Livre-Docente da Escola de Comunicação e Artes, na USP, e dos programas de pós-graduação em Letras da UNIFESP, EFLCH e FFLCH, USP, somado a uma arguição sensível e atento do contexto social e político que vivenciamos no Brasil.

Com um plano expositivo contundente, o autor apresenta a primeira modalidade discursiva, “A fala autoritária”, que, não só introduz os parâmetros gerais que permearão os demais capítulos, como serve de justificativa às categorias seguintes.

Falas são leituras de mundo que surgem de uma visão coletiva e que inventam o agente que as reproduzirá objetivando sua transmissão e consolidação; dessa forma, num cenário de constante mandonismo, que perdura desde o Brasil Colônia até a República e cujos resquícios são notórios até hoje, a fala autoritária constitui-se num modo de perpetuar não o regime em si, mas o “regime-de-si”.

Neste primeiro capítulo, Chauvin pontua que o conceito de mandonismo e coação estão vinculados e apresenta a figura mitológica de Narciso para ilustrar que o sujeito autoritário é a fusão do “delírio de grandeza com o alheamento em relação às pessoas de seu convívio” (2022, p. 11). A fala autoritária tem objetivo evidente:



cultivar a autoimagem do indivíduo e autopromovê-lo a fim de defender e manter a posição que se ocupa, traduzindo assim seu egocentrismo e unilateralidade. Como recurso principal, aquele que faz uso da fala autoritária tenta invalidar toda e qualquer manifestação argumentativa, pois a argumentação fundamentada é, para ele, um risco a “seu poder constituído”.

Recorrendo ainda ao mito de Narciso, o autor debruça-se sobre a análise de “A fala narcísica”, segundo tópico do livro, espaço em que a função terapêutica da fala e sua potência em revelar traumas e gatilhos, mesmo de forma não intencional, serão exploradas por meio de um discurso bastante atrelado à visão e aos estudos de Eni Orlandi e os silêncios do discurso: “O silêncio manifesta-se para além do dito e do não-dito, rompendo com o jogo binário em que a palavra afirma tudo aquilo que ela não afirma” (ORLANDI, 2015, p. 47).

É no mergulho fatal de Narciso que residem simbolismos diversos nos quais o silêncio “fala” em alto e bom tom:

[...] dentre eles, a incapacidade de distinguir entre reflexo (da imagem) e reflexão (do Eu), já que exprimem coisas bem diferentes. Uma diz respeito à adoração não do ser, mas da imagem que projeta (ou é projetada) sobre si-mesmo; outra sugere que o mergulho em busca da essência implica ultrapassar o âmbito da superfície e lidar com áreas recônditas, e até então inacessíveis, do próprio ser. (CHAUVIN, 2022, p. 27).

A fala narcísica está conectada a uma escuta seletiva e seletiva devido a fatores históricos, sociais, religiosos, biológicos, entre outros. É o que expõe o escritor ao valer-se de Bentinho e Capitu, personagens de Dom Casmurro, de Machado de Assis, como exemplificação do narcisismo aplicado à estrutura da fala.

Na narração de Bento Santiago, fruto de um contexto patriarcal, ultrarreligioso e burguês, concatenam-se a fala autoritária, que não permite a Capitu defender-se, e a fala narcísica, evidenciada em um enredo parcial, autocentrado e tendencioso. Não sem motivo, esse romance é narrado em primeira pessoa pelo próprio



protagonista e os fatos que compõem o enredo são compostos de memórias, traiçoeiras em muitas ocasiões.

Bentinho e sua postura delirante e egocêntrica reaparecem para exemplificar o arquétipo de “A fala autorreferencial”. É neste terceiro capítulo que Jean Pierre afirma que o sujeito autorreferencial “é produto e sua fala é sintoma de um meio autopromocional, ultravaidoso” (p. 39). Não à toa, essa fala, assim como o discurso autoritário, é permeada por pronomes possessivos e referências à primeira pessoa do singular, elementos linguísticos bastante presentes na narração de Bentinho desde as páginas iniciais do enredo: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor nem o que foi nem o que fui.” (ASSIS, 2020, p. 18).

Para Chauvin, “as assimetrias que distanciam os atores do diálogo mostram quem detém a palavra, como e por quê” (p. 46). É nesse contexto que se justifica que Bentinho fale e Capitu esteja limitada a simplesmente ouvir, sem direito à réplica.

A abertura do capítulo quatro, “A fala medíocre”, traz apontamentos acerca da mudança de sentido sofrida pelo termo medíocre, passando do conceito de “justa medida” à acepção pejorativa que hoje se adota. O indivíduo medíocre, habituado a tratar sobre todos os assuntos sem qualquer domínio e valendo-se de frases prontas, reproduz *temas de teor maniqueísta*, revelando uma visão de mundo limitada e limítrofe, com extrema previsibilidade e superficialidade.

É por meio da fala medíocre que o “mito da competência”, de Marilena Chaui, se perpetua na sociedade brasileira. Ao desqualificar os verdadeiramente capazes de saber e fazer, abre-se espaço para a manutenção da exploração econômica e da dominação política e o uso do poderio torna-se

[...] um verdadeiro processo de intimidação social e política no qual os que não possuem o suposto saber dos “competentes” são transformados em incompetentes para agir, pensar e sentir por conta própria, precisando da

151



aprovação e do consentimento dos guias especializados de plantão. (CHAUVIN, 2022, p. 58).

Prioriza-se, assim, a superficialidade e a banalidade, tão presentes em conversas de rede social atualmente.

“A fala especializada (na universidade)” é o título que nomeia o quinto segmento da obra, páginas nas quais se encontram duas discussões centrais: o dilema do professor universitário, que, ao longo dos anos, tem se habituado a falar majoritariamente de poucos assuntos, mesmo dominando especialidades fora de sua área de atuação, e os malefícios da invasão da lógica mercantil na universidade, o que gera o *produtivismo acadêmico*. Por produtivismo acadêmico, entende o autor:

[...] expressão que assinala um paradoxo conceitual e cujo pressuposto está no nivelamento de quase todos-submetidos a abordagens quantitativas, teoricamente respaldadas por índices que refletiriam o nível, o desempenho, a competência dos avaliados. (CHAUVIN, 2022, p. 65).

Assim, transformam-se os alunos em meros conceitos numéricos e algarismos que expressam o volume- mas não a qualidade- de sua produção acadêmica, sem que haja de fato estímulo suficiente ao “exercício da investigação-palavra-chave da tarefa científica” (CHAUVIN, 2022, p. 68).

Esclarece o ensaísta que, com a invasão da sanha produtivista nas universidades brasileiras, a qualidade da aula e da pesquisa é relegada a segundo plano, fazendo com que o conhecimento perca “o valor por si mesmo” e tome” as características da forma-mercadoria” (p. 79). Em síntese, por meio do panorama abordado neste capítulo, Jean exprime uma conclusão angustiante que tem afligido o trabalho diário de muitos professores em instituições diversas: “Estudantes não são clientes!” (p. 70), vinculando, dessa forma, a produção sem conhecimento exposta aqui com a mediocridade discutida no quarto capítulo.



Para ilustrar um fenômeno rotineiro no ambiente acadêmico, abordam-se os princípios de “A fala prolixa” no sexto segmento, que, justamente para não se tornar prolixo, ocupa menos páginas do que os outros capítulos da obra.

“O orador prolixo superestima a própria substância e concebe colegas e ouvintes como pessoas-acessório” (CHAUVIN, 2022, p. 85), este é o pensamento base que faz com que tal indivíduo use recursos como apóstrofes, interjeições e apostos a fim de alongar ainda mais sua fala e, conseqüentemente, seu tempo de escuta. Nesse sentido, é mais uma vez Bentinho que nos servirá de ilustração para a fala prolixa. Como forma de mostrar ao leitor a importância do que é narrado, a personagem utiliza oito páginas para expor a composição de um Panegírico de Santa Mônica, elemento secundário no enredo e com pouca relevância no desenrolar dos fatos.

A fala final de Sete falas, “A retórica neoliberal” distingue a técnica retórica da arte retórica, admitindo, por meio de levantamento histórico, que, com tal distinção, a arte de persuadir foi reduzida a um conjunto de regras destinada às chamadas elites.

Com a ruína da retórica tradicional, tais técnicas passaram a servir como instrumento de propagação de ideias vazias e (ou) de princípios neoliberais. Quantos de nós já não notamos as manobras linguísticas utilizadas por políticos e religiosos de índole duvidosa com o fito de atingir benefício próprio ou justificar-se por conta de impropriedades e ilegalidades?

É o neoliberalismo ultrarradical, elemento de manutenção dos regimes, e seus pilares, centrados num raciocínio absolutamente capitalista, que têm feito com que se abandone o pensamento crítico, tão pouco e mal estimulado nas cadeiras escolares atualmente, “substituindo-o pelo consumismo inveterado, a abandonar as reivindicações porque nos tornamos patrões de nós mesmos” (CHAUVIN, 2022, p. 98), pensamento altamente alinhado às asneiras propagadas em todos os veículos

153



por sessões de *coaching* de segunda categoria, promovidas por pessoas sem qualquer conquista profissional relevante.

Assim, disseminando o pensamento neoliberal e seus delírios, romantiza-se a miséria, a desigualdade e a falta de acesso a direitos e serviços básicos e valoriza-se inescrupulosamente a meritocracia de fachada, sem que haja iguais condições de desenvolvimento para todos.

No Brasil, dois fatores facilitam a bem-sucedida aplicação do neoliberalismo: a indiferença à miséria e sua normalização por parte da própria população, o que nos faz não nos importarmos mais com pessoas dormindo embaixo de viadutos e expostos ao sol e à chuva, e a péssima qualidade educacional, que faz com que as pessoas se tornem cada vez mais audiência para pseudo-imbecis que arriscam a própria vida em troca de *likes* além de *massa de manobra* nas mãos da classe dominante, grupo a quem o discurso neoliberal mais interessa e beneficia, já que “as ideias da classe dominantes são, em cada época, as ideias dominantes” (MARX; ENGELS, 2007, p.72, *apud* CHAUVIN, 2022, p.107).

Ao escolher usar o termo *dominante*, Chauvin vincula os princípios neoliberais aos elementos abordados no primeiro e segundo capítulos, “A fala autoritária” e “A fala narcísica”, pois o discurso do neoliberalismo só pode se consolidar num ideário autoritário, narcísico e altamente amante de si, num contexto de autoestima sem critérios e sem ponderação. A forma de materialização de tal ideário e suas vaidades se dá por intermédio da palavra e o poder da palavra é justamente o foco de argumentação do autor.

Destarte, *Sete falas* contém construções argumentativas que intencionam analisar conjunturas instauradas numa sociedade idiotizada, humilhada e destrutada e que são propositalmente incutidas e repetidamente reforçadas a fim de prolongar o estado de coisas em que se vive, estado esse que castiga muitos e beneficia poucos.

154



Para encerrar a apurada exposição de ideias, Jean Pierre Chauvin propõe uma alternativa para que o caos instaurado em território brasileiro seja revertido ou, ao menos, amenizado:

Portanto, talvez precisemos fazer o caminho inverso: localizadas as fontes de onde provêm essas “ideias”, refutar o discurso com o fito de abalar a convicção de quem acredita piamente que tudo se resume à meritocracia, ao empenho e à disposição para estudar, trabalhar e, claro, vencer. (CHAUVIN, 2022, p. 107).

Na obra, produz-se duplo espanto: o do reconhecimento de tantas falas ouvidas ao longo dos anos de vida, trabalho e estudo e o da percepção de suas origens, intenções e motivações. Qualquer semelhança com a realidade não é, nem poderia ser, mera coincidência.

Referência:

CHAUVIN, Jean Pierre. *Sete falas: ensaios sobre tipologias discursivas*. Teresina-Piauí: Editora Cancioneiro, 2022.

